



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9677 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT08 - Formação de Professores

A PADRONIZAÇÃO DA PRÁTICA DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES: UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO DO PNAIC

Maira Vieira Amorim Franco - UnB - Universidade de Brasília

Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas - UnB - Universidade de Brasília

A padronização da prática dos professores alfabetizadores: uma análise da formação do PNAIC

RESUMO

Este artigo analisa a proposta da formação continuada intitulada Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC ofertada pelo Ministério da Educação - MEC nos anos de 2013 e 2014, e possíveis processos de padronização da prática pedagógica dos professores alfabetizadores. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e crítica, cujo instrumento utilizado para a geração dos dados foi o grupo focal. Os resultados indicam que embora a formação do PNAIC tenha levado os professores a fazerem uma reflexão sobre a prática em sala de aula, pareceu não avançar para transformações significativas do contexto pedagógico, metodológico e social do cotidiano escolar.

Palavras-chave: Padronização da Prática. Formação Continuada. Professores Alfabetizadores. PNAIC.

1. INTRODUÇÃO

As políticas de formação de professores da Educação Básica sempre tiveram forte influência política e econômica. A partir de 1990 o Brasil torna-se signatário da Declaração de Jomtien, um documento elaborado na Conferência Mundial de Educação para Todos, ocorrido na Tailândia. Tal documento apresenta metas educacionais a serem alcançadas com o objetivo de satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de cada pessoa: criança, jovem ou adulto. O ano de 1990 foi constituído como o Ano Internacional da Alfabetização. (FRANCO, 2017).

Este artigo se propõe a analisar a proposta da formação continuada intitulada Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC ofertada pelo Ministério da Educação - MEC nos anos de 2013 e 2014, no sentido de identificar possíveis processos de padronização da prática pedagógica dos professores alfabetizadores.

Metodologicamente, este trabalho é de natureza qualitativa, crítica e empírica por se tratar de um recorte temático de estudos anteriores.

A pesquisa foi realizada em três escolas vinculadas à Coordenação Regional de Planaltina/DF[1] - CRE com 23 professores, sendo 21 regentes de sala de aula e 02 coordenadores pedagógicos, que atuaram em classes de alfabetização e que tinham participado do curso PNAIC. Os excertos são oriundos das sessões de grupos focais realizados nas escolas. Na CRE de Planaltina o curso foi ministrado por 14 Orientadoras de Estudos[2], que também eram Articuladoras do Centro de Referência de Alfabetização - CRA.[3]

2. A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

Na Conferência Mundial de Educação para Todos, cada país deveria elaborar planos de ação mais amplos e a longo prazo. Cabe ressaltar que o Banco Mundial e organizações não governamentais participaram da organização deste evento, representando interesses econômicos e políticos nas decisões tomadas na ocasião. Neste sentido, Pereira (2016, p.11) destaca que a partir de 1990 o Ministério da Educação - MEC mobiliza:

[...] diferentes políticas de formação continuada docente se pautando pela continuidade de programas de caráter continuado e compensatório; destinados à formação de professores alfabetizadores em exercício com cursos à distância ou semipresenciais em cooperação com os sistemas de ensino. Situam-se, nessa perspectiva, os programas vinculados à Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, na qual se inserem os Centros de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação.

A Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica foi instituída em 2004, formada por centros de pesquisa e desenvolvimento da educação, pelos sistemas de ensino público e, também, com a participação e coordenação da Secretaria de Educação Básica - SEB do MEC.

Em se tratando de políticas públicas formadoras voltadas para os professores alfabetizadores, os cursos Programa de Formação de Professores Alfabetizadores - PROFA, lançado no ano 2000 e Pró-letramento nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática em 2005, que antecederam o PNAIC, buscaram em suas propostas metodológicas, balizar os estudos acerca da alfabetização das crianças e o período em que ela deveria se consolidar. Ambas as formações tinham como objetivo subsidiar os professores em suas ações pedagógicas visando à melhoria da qualidade do ensino, privilegiando as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. (BRASIL, 2005).

3. O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

O PNAIC, criado em 2012, foi um acordo formal assumido pelo Governo Federal com os Estados, municípios e entidades brasileiras, visando firmar o compromisso de alfabetizar crianças até os 9 anos de idade, ao final do ciclo de alfabetização.

Esta formação trouxe como um direito a plena alfabetização das crianças ao final do 3º ano do Ensino Fundamental e com isso uma responsabilização do professor com esta tarefa. Tendo em vista que a formação continuada é o eixo central, Dantas (2007, p. 63) afirma que a formação contínua exige: “a) do professor: disponibilidade para a aprendizagem; b) do processo formativo: que possibilite um aprendizado; c) do sistema escolar ao qual se insere como profissional: condições para continuar aprendendo”.

Além do material didático elaborado pelas universidades selecionadas pelo programa, o cursista recebeu uma bolsa de estudo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE para viabilizar a participação nos encontros presenciais e subsidiar a compra de acervo bibliográfico. O material didático e literário para os alunos, acompanhamento e assessoramento dos orientadores de estudos para os professores e suas turmas, o recebimento de bolsa de estudo para os alfabetizadores, são alguns dos aspectos não contemplados nas formações anteriores e trouxe um caráter mais abrangente à formação.

Os Orientadores de Estudos, profissionais que ministraram as formações presenciais, foram selecionados em seus estados e municípios por meio de processos seletivos organizados pelas Secretarias de Educação. No Distrito Federal, as Articuladoras do CRA acumularam a função de Orientadoras de Estudos do PNAIC.

4. A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA DO PNAIC

O PNAIC apresenta uma estrutura de aprendizado pela experiência na própria atividade docente. De acordo com Pereira (2016, p. 86), a formação continuada desenvolvida no PNAIC ressalta que:

O professor é concebido como um sujeito que produz saberes a partir da sua experiência profissional. Ao desenvolver sua atividade prática numa realidade complexa, é constantemente desafiado a formular respostas para os problemas práticos do cotidiano do ensino.

Segundo Pereira (2016), a concepção que norteia a formação do PNAIC prima pelo pragmatismo, imbricada pela concepção neotecnicista, quando a proposta pedagógica se torna hegemônica no sentido de manter a educação atrelada aos interesses capitalistas, de modo que o professor reitera ações em sala de aula sem a devida crítica, criando um cisma entre a teoria e prática. No campo da educação, devemos nos orientar pela prática social transformadora que traz em sua concepção, uma relação indissociável entre teoria e prática, a qual chamamos de práxis.

A práxis a qual nos referimos é discutida por Vásquez (2007) numa perspectiva que está para além da concepção que temos inicialmente da palavra. Assemelhar práxis à prática é um equívoco, pois, segundo o autor “Toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis”. (VÁSQUEZ, 2007, p. 219). Ademais, o autor segue afirmando que a atividade prática isolada não é práxis, tampouco a atividade teórica, também isolada, não é práxis. Para Vásquez (2007) a teoria por si só não produz mudança. É necessário que a prática atue sobre teoria numa relação dialética. Assim, a atividade prática em relação ao mundo deve pressupor uma transformação real, pois, a atividade teórica somente transforma a consciência dos fatos e não ocorre mudanças propriamente nas coisas. A prática é fundamento da teoria, na medida que uma depende da outra, pois determina o seu desenvolvimento e progresso do conhecimento.

Desse modo, os excertos dos professores apontam que a formação do PNAIC trouxe elementos práticos de uma reflexão relativa as propostas que eram atividades compatíveis com a realidade escolar. Os participantes da estão identificados com as letras A, B e C (escolas da pesquisa), P (professor ou professora) e com número de 1 a 7 (de acordo com a ordem de identificação na transcrição dos áudios):

O PNAIC foi muito bom, contribuiu sim pra reflexão da prática, porque vinha coisas possíveis de fazer [...] porque às vezes a gente faz uns cursos assim, cheio de ideias de gente que fica sentada sabe?! E tem umas ideias “maravilhosas” [...] E no PNAIC não, eram coisas reais, de colegas que fizeram, então a gente pensa “Eu poderia fazer também” [...] Porque ela fez, então tem aquela visão das práticas [...] (AP1)

O que eu achei interessante é que, veio de uma prática de sala de aula, ele veio de baixo para cima, e os outros cursos vinham de cima para baixo [...] (AP5)

É bom dar uma arejada na nossa cabeça, porque você fica cansado, repetitivo e o PNAIC permitia que você não fosse assim, porque cada semana a gente tinha uma aula diferente para experimentar! (BP1)

Dos trechos destacados podemos inferir que os docentes compreendem prática como técnica, como reprodução do fazer. Mesmo que uma das falas tenha mencionado a reflexão da prática, este discurso ainda permanece mecânico e reprodutivista, pois, segundo AP1, “O PNAIC foi muito bom, contribuiu sim para reflexão da prática, porque vinha coisas possíveis de fazer [...]”. A esse respeito Vásquez (2007), esclarece que a práxis pode ser um estado transitório, pode permitir ao homem uma trégua em seu processo criativo, reiterando assim uma práxis já existente. Entretanto esta atitude carece de reflexão crítica.

Sobre a interação com os colegas, os excertos destacados a seguir, explicitam que o PNAIC movimentou a escola, entretanto, não se consolidou como uma prática transformadora permanente, mas como uma solução pragmática:

Eu acho que o curso foi muito importante, a gente começou a ter uma participação, uma interação na verdade dentro da escola, pela parte teórica e assim totalmente junto com a prática [...] o que permitiu que a gente tivesse uma coordenação mais integrada, uma integração muito melhor porque até então [...] A gente enquanto colega faz assim ‘Eu fiz isso, você quer?’ ‘Fulana você quer?’ ‘Ah, beleza, quero!’, então a conversa mudou, ainda tem que mudar muito, mas a gente percebia assim que era totalmente individualizada a coordenação e que foi uma abertura muito bacana, justamente pela estrutura montada [...] Essa questão do nosso encantamento pela história né, para Deleite [...] Eu não vou contar só pra minha sala, agora é ‘Gente! Vamos contar a história lá fora?’ Então começou a unir mais o grupo, então as conversas formalizadas dentro da teoria, esse bate papo de como tem que ser mesmo [...] para nós enquanto coordenação foi excelente. Essa estrutura do curso, nos estruturou. (CP2)

Eu acho assim, que ficou muita coisa, muita coisa ficou na nossa prática, só que assim, se o curso tá acontecendo ele funciona, tipo você tem o incentivo. Mas agora tá parado [...] ficou muita coisa, mas não é igual se ele tá acontecendo. (BP4).

O discurso de CP2 trata da coletividade da escola, mas de uma troca de atividades produzidas, mas não de trabalho coletivo, de planejamento, a integração não está na organização do trabalho pedagógico, mas no convite em participar de uma atividade que inferimos não ter havido participação das partes no processo de elaboração da proposta. No entanto, Freitas (2005) nos lembra que a escola, alicerçada a uma organização social predominantemente capitalista, encontra-se organizada pedagogicamente de modo fragmentado cujo controle da execução das suas funções pedagógicas delineia o trabalho docente. Este, pautado na busca por resultados imediatos para problemas individuais e imediatos do cotidiano escolar. Sendo assim, acaba por enredar o docente nesta teia, não lhe dando espaço para reflexão sobre a práxis, limitando, assim, a padronização de metodologias de ensino, ao seu fazer docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PNAIC trouxe uma proposta de reflexão da prática docente, entretanto, não promoveu uma reflexão sobre a práxis transformadora da realidade social, se limitando a padronizar e compartilhar práticas de alfabetização entre os professores. Estes, por sua vez, não compreenderam a real função da escola enquanto sistematizadora dos conhecimentos científicos, ao contrário, demonstraram que a reprodução de técnicas e propostas de aulas-modelo foram o grande diferencial da formação, o que reiterou o trabalho que já realizavam em antes da formação. Portanto, proporcionou uma compreensão superficial das metodologias utilizadas pelos alfabetizadores sem promover qualquer transformação sobre sua prática docente, atendendo a proposta de controle e monitoramento hegemônico do Estado através da padronização de metodologias de ensino dos professores alfabetizadores.

Deste modo, esperamos com este trabalho contribuir para o campo de estudo da formação de professores demonstrando que a escola vivencia uma alienação no processo

educativo que não se compromete com o resultado das aprendizagens dos estudantes, mas que busca, na padronização da prática docente reproduzir a hegemonia do contexto mercantilista da sociedade a qual está inserida.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Pró-letramento**. Apresentação. Brasília. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pro-letramento/apresentacao>. Acesso em 08 jun.2016

DANTAS, O. M. A. N. A. **As relações entre os saberes pedagógicos do formador na formação docente**. 2007. 144f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007

FRANCO, M. V. A. **Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa: os discursos os professores sobre a efetividade da formação continuada na prática pedagógica**. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FREITAS, L. C. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da didática**. 7. ed. Campinas: Papyrus editora, 2005. (Magistério, formação e trabalho pedagógico).

PEREIRA, V. C. V. **Formação continuada de professores no pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. 2016. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão popular, 2007.

[1]A Coordenação Regional de Ensino é uma representação administrativa da Secretaria de Estado de Educação do DF e tem a função de coordenar as ações das Unidades Escolares e articular regionalmente os projetos.

[2] Profissional que ministrava a formação presencial do PNAIC para os professores alfabetizadores.

[3] Professor da SEDF que atuava no Centro de Referência de Alfabetização – CRA. Era um espaço físico que acompanhava os professores e suas turmas no sentido de instrumentalizá-los em suas ações pedagógicas nas escolas.